

OS ESPAÇOS PÚBLICOS NOS *OPPIDA* CELTAS, NA GÁLIA DO FINAL DA IDADE DO FERRO: QUAL O LUGAR DOS DRUIDAS?

Filippo Lourenço Olivieri*

Resumo:

O objetivo deste trabalho é discutir acerca dos espaços públicos nos oppida, na Gália temperada, e propor o lugar dos druidas nesses recintos. Muitos especialistas concordam que assembleias com sentido religioso e político ocorriam nesses lugares. Dessa forma, gostaríamos de refletir se os druidas não teriam um papel maior, principalmente com a ingerência nas assembleias públicas. Articularemos os relatos clássicos com algumas conclusões da pesquisa arqueológica.

Palavras-chave: druidas; espaços públicos; oppida celtas; Gália do final da Idade do Ferro; assembleias celtas.

Nos séculos II e I a.C., em grande parte do território ocupado por povos celtas na Europa temperada, foram construídas fortalezas amuralhadas, nomeadas por César (**A Guerra das Gálias** I, 6) de *oppida*. Essas se estendiam aproximadamente do Maciço dos Cevenas (Sul da França) até o Sul da Inglaterra e a Leste até o médio Danúbio¹. Nesses assentamentos, desenvolviam-se atividades religiosas, artesanais, comerciais, cunhagens de moedas, etc. Em *oppida*, como Bibracte e Titelberg², há recintos nos pontos elevados, geralmente considerados como santuários. Reinterpretados como espaços públicos, sua possível função seria acolher assembleias com caráter religioso e político. Cada vez mais os estudos apontam que os druidas detinham atribuições político-religiosas.

Dessa forma, inferimos se esse grupo não estaria à frente da ingerência dos eventos que ocorriam nos espaços públicos dos *oppida*. Para tanto,

* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (Ceia/UFF). E-mail: filippo_olivieri@hotmail.com.

articularemos as fontes clássicas com algumas conclusões da pesquisa arqueológica recente acerca desses espaços públicos. Abordaremos a Gália não mediterrânica do final da Idade do Ferro.

Os espaços públicos nos *Oppida* – assembleias político-religiosas

Destacamos, a título exemplificativo, dois recintos³ situados nos *oppida* de Bibracte (Fig.1) e Titelberg (Fig.2), geralmente vistos como santuários, mas reinterpretados como espaços públicos. Tais locais são considerados marcos fundadores dos *oppida* (FICHTL; METZLER; SIEVERS, 2000, p.180-5; FICHTL, 2004, p.154-7; POUX, 2006a, p.188). Esses locais estavam em plena atividade na primeira metade do século I a.C. No *oppidum* de Bibracte (Mont-Beuvray, Borgonha, França), principal *oppidum* do povo éduo, o recinto chamado Terrasse está situado a 814 metros de altitude e área em torno de um hectare (110m x 92m). Nenhuma construção foi encontrada em seu interior, e o local era cercado por um fosso e uma elevação (GRUEL et VITALI, 1998, p.31-2). É conferida característica religiosa devido a um *fanum*⁴ romano contíguo (FICHTL; METZLER; SIEVERS, 2000, p.181; METZLER; MENIEL; GAENG, 2006a, p.215). No *oppidum* de Titelberg (Luxemburgo), *oppidum* do povo trevero, há um recinto de dez hectares cercado por um fosso de 500 metros. Um *fanum* romano na parte sul também confere característica religiosa ao recinto. Esses espaços públicos situados em pontos elevados e cercados por um fosso poderiam ser destinados a receber manifestações políticas e religiosas (METZLER; MENIEL; GAENG, 2006a, p.203-4; p.212-7; 2006b, p.192-7). Fossos e paliçadas teriam função de delimitar recintos sagrados (WEBSTER, 1995, p.459; BRUNAU, 2005, p.185; 2006a, p.209).

Stephan Fichtl (2005, p.146) destaca as inúmeras assembleias realizadas pelos povos celtas da Gália citadas por César⁵ – uma delas teve lugar no principal *oppidum* dos treveros e foi convocada pelo aristocrata Indutiomaro:

(...) ele convoca a assembleia armada. Esta é, segundo o costume dos gauleses, o começo da guerra: uma lei comum obriga a todos que estão em idade de homens adultos a comparecer com armas; aquele que for o último a chegar será morto, sob os olhos da multidão, através dos mais cruéis suplícios. (CÉSAR, **A Guerra das Gálias** V, 56)

Metzler; Meniel e Gaeng (2006b, p. 194) entendem que César relata uma incontestável manifestação pública combinando decisão política e ritual religioso. Fichtl afirma:

*Esta convocação é um ato político, a preparação para a guerra, mas também um ato religioso com sacrifício ritual do último a chegar. Mesmo o ato sacrificial não existindo mais no tempo de César, a importância desse gesto ainda era primordial. Se o ponto do local de reunião não é mencionado por César, nós podemos de qualquer forma propor uma descrição: ele devia corresponder a um espaço de grande dimensão que poderia acolher tal multidão em armas, e igualmente um espaço sagrado já que um sacrifício lhe é associado. Na Antiguidade, estes espaços são geralmente circunscritos em um recinto, tal qual o *téménos* grego, o *templum* latino, ou os recintos dos santuários da Gália Bélgica. E, então, verdadeiramente uma delimitação física marcaria este espaço público e sagrado.* (FICHTL, 2005, p.146)

Segundo Fichtl (2005, p.147), outra assembleia, em um grande recinto público com caráter sagrado, para acolher grande número de pessoas, foi realizada no *oppidum* éduo de Decétia (Décize, Borgonha, França) – pois não pôde ocorrer em Bibracte, onde o *vergobreto*⁶ Convictolitavi e todo o conselho dos éduos reuniram-se com César para discutir sobre a eleição a este cargo (CÉSAR. **A Guerra das Gálias**, VII, 33).

Assim, nos relatos de César, há dois exemplos de reuniões em espaços públicos de *oppida*, para acolher uma grande multidão. Esses recintos seriam pontos de referência importantes na dinâmica de um *oppidum*, provavelmente o centro de onde partiam as decisões mais relevantes. Assembleias desse tipo podiam ocorrer em recintos como aqueles já citados nos *oppida* de Bibracte e Titelberg.

Ascensão dos druidas às prerrogativas político-judiciárias e os espaços públicos nos *Oppida*

Jean-Louis Brunaux (2000, p.44-6; 2004, p.146-50; 2005, p.112-3; 2006b, p.186) sugere que a evolução nas práticas dos druidas fez com que se ocupassem cada vez mais de questões políticas. O autor ressalta que isso ocorreu por meio de prerrogativas sobre as regras para a eleição dos grandes

chefes, limitação do poder destes, ingerência sobre as assembleias, questões entre povos, etc.⁷ A ascensão ao poder político influenciou na aplicação da justiça, permitindo o controle dos sacrifícios – por meio dos quais os druidas sacrificavam os culpados de crimes.

Se crermos em Posidônio, no início do século I a.C., a política devia se inclinar frente ao judiciário, um judiciário inteiramente nas mãos de uma mesma categoria de homens. Estes últimos possuíam, com efeito, uma arma terrível, um poder de coerção de rara eficácia: eles ameaçavam os culpados, indivíduos ou grupos e mesmo Estados, de não serem mais admitidos nos grandes sacrifícios públicos e de não poder organizar cerimônias privadas. (BRUNAUX, 2006b, p. 285)

A justiça, então, seria a atividade dominante entre os druidas (BRUNAUX, 2006b, p.283; PERRIN, 2006, p.163).

Podemos inferir que os druidas ascenderam ao poder político-judiciário – com a caução da religião (BRUNAUX, 2000, p.44) – e lograram controlar as assembleias que eram realizadas nos espaços públicos dos *oppida*, fosse para convocar a guerra, eleger o *vergobreto*, executar sacrifícios, etc.⁸ A construção dos *oppida* permitiu que uma população, antes mais dispersa, agora tivesse esses grandes assentamentos como referência – fato que fortaleceu um sentimento de identidade. Os espaços públicos forneceram aos druidas uma audiência como até então não haviam angariado. A posição desses recintos situados em locais elevados, como em Bibracte e Titelberg, e os fossos e as paliçadas, delimitando o espaço sagrado, garantiam a atmosfera sagrada do local⁹ e das deliberações ali tomadas.

Nas figuras, temos os dois *oppida* citados. Nos espaços públicos, os druidas, provavelmente, dirigiam as assembleias públicas.

Figura 1: Plano do *oppidum* de Bibracte: O recinto (4) é a Terrasse (espaço público). (METZLER; MENIEL; GAENG, 2006a, p.216, fig.12).

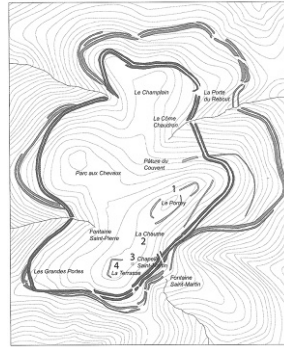
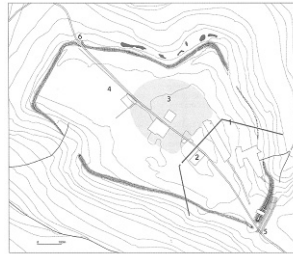


Figura 2: Plano do *oppidum* de Titelberg: O fosso (1) limita o espaço público (METZLER; MENIEL; GAENG, 2006a, p.203, fig.1).



O lugar dos druidas e a manutenção da ordem cósmica

Para Pierre Bourdieu (2007, p.69-72), a religião mantém a ordem simbólica e contribui de forma direta para a manutenção da ordem política. O ritual mantém a ordem cósmica e perpetua as relações fundamentais da ordem social. Nas manifestações públicas e coletivas, tais como os grandes rituais, solenidades, cortejos solenes, etc. – por meio de um processo que ele chama de oficialização –, o grupo define tacitamente os limites do pensável e do impensável, contribuindo para a manutenção da ordem social de onde provém seu poder (BOURDIEU, 1980, p.184). O fundamento da ação ritual é pôr ordem no mundo (BOURDIEU, 1980, p.349). Segundo Geertz (2008, p.199-200), os cortejos solenes representariam a estrutura cósmica¹⁰. Catherine Bell (1992, p.211) ressalta que o poder é negociado no ritual. Segundo Tacla (2008, p.29), “[...] a ritualização engendra as relações

de poder e constitui formas de negociação e competição, consentimento e resistência no âmago da sociedade”.

Acreditamos que o acesso às prerrogativas de cunho político e judiciário por parte dos druidas permitiu que estes exercessem parte do seu poder em atividades ritualizadas – como cortejos solenes, festas, sacrifícios – nas assembleias públicas realizadas em lugares amplos dos *oppida*, os espaços públicos. Mas o poder patrocinado pela ritualização não se dá sem negociação. Assim, os druidas mediavam os interesses e conflitos de poder das grandes famílias aristocráticas, como a eleição/regulação do cargo de *vergo-breto*; a disputa pela importação do vinho romano (entre outros produtos), cujo consumo tinha caráter ritual; a cunhagem de moedas, que ostentavam mensagens religiosas e imagens de aristocratas visando à propaganda¹¹.

As cerimônias públicas nos *oppida* teriam como função manter o sentimento de comunidade e a ordem pública (WELLS, 2006, p.148-9). Acreditamos que a ordem pública, no final da Idade do Ferro, na Gália, se sustentaria pela manutenção da ordem cósmica. Quando as assembleias públicas não tinham caráter extraordinário, como na irrupção de uma guerra, a organização das reuniões deveria observar a fixação de datas em consonância com o calendário litúrgico e a observação do movimento dos astros. O calendário agrícola também exigia assembleias relacionadas à observação do sol nascente e dos solstícios (BRADLEY, 2005, p.168; BRUNAUX, 2006a, p.209).

Em relação aos sacrifícios, novas evidências arqueológicas, como nos santuários de Fesques (Sena-Marítimo, França) e Acy-Romance (Ardenas, França), demonstram que havia espaços cívicos onde penas de morte públicas, como relatadas por César (VI, 16), seriam executadas (BRUNAUX, 2004, p.148; 2006b, p.287). Assim, a execução dos criminosos¹², que eram as vítimas mais adequadas (CÉSAR. **A Guerra das Gálias**, VI, 16), deveria dar-se em um local que pudesse ser bem visualizado. O sacrifício do último a chegar ao *oppidum*, por ocasião da assembleia guerreira entre os treveros, devia ser realizado no espaço público local. Esse retardatário devia ser conduzido ao espaço e lá executado mediante uma liturgia da qual somente os druidas detinham o monopólio.

A linguagem performática com eficácia mágica poderia ser utilizada para um grupo se legitimar (BOURDIEU, 1980, p.188). Assim, os druidas ao ministrarem um sacrifício, ao elegerem um grande chefe, ao presidirem

uma solenidade do calendário agrícola, deviam utilizar uma linguagem teatral e performática, visando a uma eficácia que cativasse a audiência. A prevalência dos druidas sobre essas solenidades também se dava por meio do monopólio de um discurso considerado próximo dos deuses (DIODORO. **Biblioteca Histórica** V, 31) e carregado de “afetividade”¹³ (CREIGHTON, 2000, p.161). Tal discurso teria um forte caráter persuasivo. Um espaço amplo em um local elevado como os espaços públicos seria o recinto adequado à exibição para uma plateia ansiosa pelos pronunciamentos e sentenças com caráter definitivo e irrevogável. Uma plateia que via esses homens, os druidas, como mantenedores da ordem.

Conclusão

Cada vez mais, os estudos permitem conceber os druidas não apenas como sacerdotes. Na verdade, a forte ingerência desse grupo sobre a religião caucionou o acesso a prerrogativas nas esferas político-judiciárias.

No final da Idade do Ferro, particularmente na Gália temperada, o comércio de vinho proveniente de Roma, a representação dos aristocratas no numerário e as disputas de poder trouxeram conflitos entre as famílias aristocráticas, exigindo que os druidas se tornassem o elemento convergente da mediação das contendas. Os espaços públicos nos *oppida* eram recintos ideais onde tais demandas e conflitos da sociedade celta eram arbitrados. Isso se dava, principalmente, em assembleias ritualizadas nesses locais, onde se realizava a aplicação da justiça, os cortejos solenes, as solenidades cíclicas, sacrifícios, etc. A regulação dos sacrifícios públicos, por exemplo, deve ter sido um forte elemento de influência sobre a sociedade.

Por serem lugares amplos, nos pontos culminantes dos *oppida* e limitados por fossos, os espaços públicos encerravam uma atmosfera sagrada que propiciava a atuação dos druidas. As solenidades também reforçariam o sentimento de identidade da comunidade. A intervenção dos druidas garantiria a ordem cósmica, resultando em ordem social. Esse era o lugar dos druidas nos espaços públicos.

THE PUBLIC SPACES ON THE CELTICS *OPPIDA* IN GALIA AT THE END OF THE IRON AGE: WHICH WAS THE DRUIDS' PLACE?

Abstract: *The aim of this work is to discuss about the public spaces in the oppida in temperate Gaul and propose the role of the druids in these enclosures. Some specialists agree that the public assemblies with religious and politics meaning took place in these places. Thus we want to reflect that the druids could be a major role, mainly in interference the public assemblies. We will articulate the classical accounts with some conclusions of archeological research.*

Key-words: *Druids; Public-spaces; Celtic oppid; Late Iron Age Gaul; Celtic assemblies.*

Documentação escrita

CAESAR. **The Gallic War.** Cambridge: Harvard University Press, Loeb Classical Library, (Tran. H. J. Edwards), 2004.

DIODORUS SICULUS. **Library of History.** Cambridge: Harvard University Press, (Tran. C. H. Oldfather), Book IV. 59-VIII, 2000.

STRABON. **Géographie.** Paris: Les Belles Lettes, Livres III et IV, 2003.

Documentação material

GRUEL, K.; VITALI, D. (Ed.) *L'oppidum de Bibracte. Um bilan de onze annés de recherche (1984-1995).* In: **GALLIA. Archéologie de la France antique.** Dossier: L'oppidum de Bibracte. Paris: CNRS Editions, Tome 55, 1998, p.1-140.

METZLER, J.; MENIEL, P.; GAENG, C. *Oppida et espaces publiques.* In: HASELGROVE, C. (Dir.) **Les mutations de la fin de l'âge du Fer.** Celtes et Gaulois. L'archéologie face à l'Histoire. Glux-en-Glenne: Centre Archeologique du Mont Beuvray, Collection Bibracte 12/4, 2006a, p.201-24.

_____; _____. Religion et politique. *L'oppidum trévire du Titelberg (Luxembourg).* In: GOUDINEAU, C. (Dir.) **Religion et société en Gaule.** Paris: Errance/Rhône Le Département, 2006b, p.191-202.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. **Le sens pratique**. Paris: Les éditions de Minuit, Le sens commun, 1980.
- _____. Gênese e estrutura do campo religioso. *In*: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p.27-78.
- BRADLEY, R. **Ritual and Domestic Life in Prehistoric Europe**. London: Routledge, 2005.
- BRUNAUX, J-L. **Les religions gauloises**. Nouvelles approches sur les rituels celtiques de la Gaule indépendante. Paris: Errance, 2000.
- _____. **Guerre et religion en Gaule**. Essai d'anthropologie celtique. Paris: Errance, 2004.
- _____. **Les gaulois**. Paris: Les Belles Letres, 2005.
- _____. La religion des femmes de La Gaule du nord. *In*: SZABO, M. (Dir.) **Les Civilisés et les Barbares du V au II siècle avant J.-C.** Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray. Collection Bibracte 12/3, 2006a, p.205-20.
- _____. **Les Druides**. Les philosophes chez les Barbares. Paris: Ed. du Seuil, 2006b.
- BUCHSENSCHUTZ, O. The significance of major settlements in European Iron Age society. *In*: ARNOLD, B.; GIBSON, B. (Ed.) **Celtic Chieftdom, and Celtic state**. The evolution of complex social system in prehistoric Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.53-63.
- _____. Les *oppida* celtiques. Un phénomène original d'urbanisation. *In*: GUICHARD, V. et al. (Dir.) **Les processus d'urbanisation à l'âge du Fer**. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray. Collection Bibracte 4, 2000, p.61-4.
- CREIGHTON, J. **Coins and power in Late Iron Age Britain**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CRUMLEY, C. Building an historical ecology of Gaulish polities. *In*: ARNOLD, B.; GIBSON, B. (Ed.) **Celtic Chieftdom and Celtic state**. The evolution of complex social system in prehistoric Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p.26-33.
- DUNHAM, S., B. Caesar's perception of Gallic social structure. *In*: ARNOLD, B.; GIBSON, B. (Ed.) **Celtic chieftdom, Celtic state**. The evolution of complex social system in prehistoric Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 110-5.

FICHTL, S. **Les peuples gaulois**. III-I siècles av. J.-C. Paris: Errance, 2004.

_____. **La ville celtique**. Paris: Errance, 2005.

FICHTL, S.; METZLER, J.; SIEVERS, S. Le rôle des sanctuaries dans le processus d'urbanisation. *In*: GUICHARD, V., SIEVERS, S., URBAN, O. H. (Dir.) **Les processus d'urbanisation à l'âge du Fer**. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beuvray, 2000, p.179-88.

GEERTZ, C. Centro reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder. *In*: _____. **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 182-219.

GRUEL, C.; HASELGROVE, C. Le développement de l'usage monétaire à l'âge du Fer en Gaule et dans les régions voisines. *In*: HASELGROVE, C. (Dir.) **Les mutations de la fin de l'âge du Fer**. Celtes et Gaulois l'archeologie face à l'Histoire. Glux-en-Glenne: Centre archeologique européen du Mont-Beuvray, Collection Bibracte 12/4, 2006, p.117-38.

KAENEL, G. Agglomerations et *oppida* de la fin de l'âge du Fer; Une vision synthétique. *In*: HASELGROVE, C. (Dir.) **Les mutations de la fin de l'âge du Fer**. Celtes et Gaulois l'archéologie face à l'Histoire. Glux-en-Glenne: Centre archeologique europeén du Mont Beuvray, Collection Bibracte 12/4, 2006, p.17-40.

OLIVIERI, F. L. A ritualização da guerra pelos celtas: sobre uma comitiva descrita por Apiano. **Phoïnix**, Rio de Janeiro, v.12, p.137-48, 2006.

PERRIN, F. La hiérarchie sociale en Gaule à la fin de l'âge du Fer. Entre Histoire et Archeologie. Un état de la question. *In*: HASELGROVE, C. (Dir.) **Les mutations de la fin de l'âge du Fer**. Celtes et Gaulois. L'archéologie face à l'Histoire. Glux-en-Glenne: Centre archeologique du Mont Beuvray, Collection Bibracte 12/4, 2006, p.155-68.

POUX, M. Religion et société à la fin de l'âge du Fer. Systèmes (en)clós et logiques rituelles. *In*: HASELGROVE, C (Dir.) **Les mutations de la fin de l'âge du Fer**. Celtes et Gaulois. L'archeologie face à l'Histoire. Glux-en-Glenne: Centre Archeologique du Mont Beuvray, Collection Bibracte 12/4, 2006a, p.181-200.

_____. Religion et société. Le sanctuaire arverne de Corent. *In*: GOUDINEAU, C. (Dir.) **Religion et société en Gaule**. Paris: Errance/Rhône Le Departement, 2006b, p.117-34.

TACLA, A. B. Atos de devoção: os depósitos do bronze final ao início de La Tène na Europa centro-ocidental. **Phoïnix**, Rio de Janeiro, v.14, p.19-44, 2008.

WELLS, P. S. Objects, meaning, and ritual in the emergence of the *oppida*. *In*: HASELGROVE, C. (Dir.) **Les mutations de la fin de l'âge du Fer**. Celtes et

Gaulois. L'archéologie face à l'Histoire. Glux-en-Glenne: Centre Archeologique européen du Mont Beuvray, Collection Bibracte 12/4, 2006, p.139-54.

_____. **Image and Response in Early Europe**. London: Duckworth, Duckworth Debates in Archeology, 2008.

WEBSTER, J. Sanctuaires and sacred places. *In*: GREEN, M. J. (Ed.) **The Celtic World**. London: Routledge, 1997, p.445-64.

Notas

¹ Segundo Gilbert Kaenel (2006, p.30-3), alguns *oppida* eram cidades celtas e sua gênese é um fenômeno céltico. Entre suas características: espaços delimitados com fortificações e portas monumentais; loteamentos de residências; bairros artesanais com vocação econômica; santuários e espaços com vocação cultural; espaços públicos (novidade das pesquisas). Olivier Buchsenschutz (2000, p.62) considera que os *oppida* celtas representavam um fenômeno original de urbanização, e a escolha de um local eminente na paisagem corresponde a uma antiga tradição religiosa. Sobre as funções dos *oppida*, ver Stephan Fichtl (2005, p.107-66).

² Bibracte era o principal *oppidum* do povo éduo. Sua área era de 200 ha. Havia duas muralhas tipo *muris gallicus*, sendo que a externa estendia-se por 7 km de extensão (GRUEL et VITALI, 1999, p.12). Titelberg era um importante *oppidum* dos treveros. Sua área era de 43 ha. Uma muralha tipo *muris gallicus* estendia-se por 2,7km (METZLER; MENIEL; GAENG, 2006b, p.193).

³ Alguns especialistas interpretam certos recintos sem construções internas como os santuários quadrangulares *Viereckschanzen*. Estes têm sido alvo de muitos debates acerca das suas funções e sobre a pertinência de separar as atividades domésticas das rituais (BRADLEY, 2005, p.16-23). Esses espaços, em alguns casos com um hectare de área, poderiam acolher uma quantidade considerável de pessoas, contudo a dinâmica religiosa é diferente dos santuários com oferendas, como Mirebeau-sur-Bèze (METZLER; MENIEL; GAENG, 2006b, p.197).

⁴ Os *fana* (Sing. *fanum*) são templos do período romano construídos sobre o plano de certos santuários celtas. Ostentam forma quadrada e possuem uma “torre” no centro, a *cela*.

⁵ César cita assembleias em vários *oppida* (**A Guerra das Gálias**, I, 30; V, 24; VI, 3; VI, 44; VII, 63). Assembleias de toda a Gália, assembleias regionais, como entre os belgas, e as assembleias com caráter local de um povo, como as citadas entre os éduos e treveros. Ver Fichtl (2004, p.121- 4).

⁶ Termo celta (gaulês) que designa o substituto do rei. O *vergobreto*, entre os éduos, era eleito pelos sacerdotes (druidas) por um período de um ano. Os familiares do *vergobreto* em gestão não podiam ter acesso ao conselho enquanto o *vergobreto* estivesse vivo.

⁷ Carole Crumley (1999, p.26-9) vê os druidas com atribuições de ordem política ligadas a responsabilidades educacionais e morais, além de depositários de conhecimentos relativos à economia e sobre o ambiente. Sean Dunham (1999, p.115) afirma que não devemos vê-los apenas como sacerdotes e magos misteriosos, mas uma elite oligárquica com responsabilidades jurídicas e religiosas ao mesmo tempo.

⁸ No período romano, a assembleia geral das Gálias em Lugdunum (Lyon) era realizada em um santuário e presidida por um sacerdote (ESTRABÃO. **Geografia** IV, 3, 2). Isso devia evocar o final da Idade do Ferro, quando eram os druidas que presidiam as assembleias.

⁹ As noções de político e religioso são inseparáveis (BRUNAU, 2000, p.90; FI-CHTL, 2005, p.145). Para os gauleses, a justiça não seria independente do espiritual e do político (BRUNAU, 2006b, p.288).

¹⁰ Sobre a suntuosidade das comitivas celtas que acompanhavam os reis e embaixadores (druidas), ver Olivieri (2006, p.137-48).

¹¹ É o caso de Dumnorix, que controlava o comércio do povo éduo (CÉSAR. **A Guerra das Gálias** I, 18) e, talvez, a importação do vinho. Vale ressaltar que alguns *oppida* eram centros emissores de moedas (GRUEL et HASELGROVE, 2006, p.120-1; POUX, 2006b, p.125-7).

¹² Como quando os *ambactos* (clientes) abandonavam os seus patronos (CÉSAR. **A Guerra das Gálias**, VII, 40).

¹³ As aspas são do autor citado.